

Gabriela Moraes de Oliveira

A PRODUÇÃO LEXICAL DE ADJETIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO



ARARAQUARA – S.P.
2013

Gabriela Moraes de Oliveira

A PRODUÇÃO LEXICAL DE ADJETIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras,
da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares Costa

ARARAQUARA – S.P.
2013

Oliveira, Gabriela Moraes de

A produção lexical de adjetivos no português brasileiro / Gabriela Moraes de Oliveira – 2013

43 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

ORIENTADOR: DANIEL SOARES COSTA

1. Adjetivo. 2. Derivação. 3. Léxico. 4. Formação de palavras.
5. Carta de leitores. I. Título.

GABRIELA MORAES DE OLIVEIRA

A PRODUÇÃO LEXICAL DE ADJETIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares Costa

Data da defesa/entrega: 02/ 12/ 2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Daniel Soares Costa

Universidade Estadual Paulista – UNESP - Araraquara

Membro Titular: Prof^a. Ms. Tauanne Tainá Amaral

Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Membro Titular: Prof^a. Ms. Mariana Moretto

Instituto Matonense de Ensino Superior

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Começo estes agradecimentos lembrando a pessoa que mais me apoiou na vida estudantil, permitindo que chegasse à conclusão do meu curso de graduação: minha mãe, que foi a figura presente durante toda minha trajetória de estudos, que me apoiou em minhas escolhas, mesmo quando isso exigia certos sacrifícios de sua parte.

Agradeço, principalmente, ao meu orientador professor doutor Daniel Soares Costa, que me aceitou como orientanda e, com paciência e dedicação, permitiu que este trabalho fosse concluído, contribuindo muito para o meu aprendizado, auxiliando-me no desenvolvimento das ideias e respeitando minhas propostas.

Agradeço ainda a alguns familiares que foram importantes na minha trajetória acadêmica, apoiando-me financeiramente para que fosse possível atingir o sonho da graduação. São eles: meus tios Paulo Henrique Marques Moraes, Vania Brum Moraes, Maria José Marque Moraes Herling, Valdo Herling e Maria Silvia Moraes Alonso.

Também devo agradecimento a todos os meus professores da UNESP Araraquara e à própria instituição por todo o conhecimento e oportunidades que me ofertaram.

Agradeço à bibliotecária Sandra Pedro, da Faculdade de Ciências e Letras desta instituição, que me auxiliou na normalização desta dissertação.

Agradeço ainda a colaboração e apoio de alguns amigos: Sabrina Silva, Sandra Tiossi e, em especial, Juliane Gonzaga pelo auxílio na correção do resumo em língua estrangeira.

“A língua não cessa de interpretar e de decompor
as unidades que lhe são dadas.”

Ferdinand de Saussure (2006,
p.197).

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade quantificar as formas usuais de adjetivos no português brasileiro, no intuito de verificar quais são os processos de formação de palavras mais frequentes relacionados a essa classe. Trata-se, portanto, de um recorte sincrônico da língua.

Nosso objetivo consiste em identificar as formações lexicais próprias dos adjetivos e quantificar os usos destas formações, para descobrir as tendências sincrônicas de formação dessas palavras em nosso idioma.

O *corpus* é de base escrita, são cartas de leitores de revista, que permitem maior estabilidade para análise e, sendo este suporte uma vertente popular de expressão, nos possibilita uma aproximação da linguagem mais informal, cuja expressão permite a produção de formações mais inusitadas e mais recentes, já que a escrita formal resiste mais às mudanças.

O levantamento das formas, além de proporcionar os resultados quantitativos de formas já conhecidas, revelou-nos formas novas, usos de outras classes gramaticais com valor adjetivo em contextos específicos, em expressões típicas da linguagem informal.

Este trabalho, portanto, contribui como um pequeno panorama da realidade lexical brasileira no uso dinâmico do idioma.

Palavras-chave: Adjetivo. Derivação. Léxico. Formação de palavras. Carta de leitores.

RÉSUMÉ

Ce travail a le but de quantifier les formes les plus courantes d'adjetifs en portugais brésilien, il s'agit d'un travail qui porte sur les usages synchroniques de la langue.

Notre objectif c'est d'identifier les formations lexicales propres aux adjectifs et de quantifier les usages de ces formations pour en découvrir les tendances synchroniques de ces usages en portugais brésilien.

Le corpus est de base écrite, composé des lettres des lecteurs de magazine, ce qui permet plus de stabilité pour l'analyse. Vu qu'il s'agit d'un support d'expression populaire le corpus nous a possibilité de faire un approche au langage plus informelle dont la façon d'expression permet la formation de vocabulaires les plus insolites et les plus récentes, tandis que l'écrite formelle résiste plus aux changements.

La recherche des formes nous a donné des résultats quantitatifs des formes déjà connues, les plus nouvelles aussi et des usages des mots appartenants à d'autres classes grammaticales qui avaient une valeur d'adjective dans quelques contextes spécifiques, en expressions typiques de langage informel.

Ce travail, donc, contribue comme un petit portrait de la réalité lexicale brésilienne dans l'usage dynamique de la langue.

Mots-clés: *L'adjectif. Dérivation. Lexique. Formation de mots. Lettre de lecteur.*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Adjetivos primitivos	25
Quadro 2 – adjetivos derivados com o sufixo –oso e flexões	27
Quadro 3 – adjetivos derivados com o sufixo – do e flexões; particípio verbal com função de adjetivo.	28
Quadro 4 – adjetivos derivados com o sufixo – ante e flexões	29
Quadro 5 – adjetivos derivados com o sufixo- tivo e suas flexões	30
Quadro 6 – adjetivos derivados com o sufixo – al e suas flexões	30
Quadro 7 – adjetivos derivados como o sufixo – ico e flexões	30
Quadro 8 – adjetivos derivados com o sufixo - iaco e flexões	31
Quadro 9 – adjetivos derivados com o sufixo – ista e flexões	31
Quadro 10 – adjetivo com o sufixo – vel/ivel e flexões	32
Quadro 11 – adjetivos derivados com sufixo o sufixo – inho e flexões	32
Quadro 12 - adjetivos derivados com o sufixo – íssimo e flexões	33
Quadro 13 - adjetivos derivados com o sufixo – ar e flexões	33
Quadro 14 - adjetivos derivados com o prefixo super – e flexões	33
Quadro 15 - adjetivos derivados com o prefixo i- e flexões	34
Quadro 16 - adjetivos com derivação parassintética	34
Quadro 17 – adjetivos derivados por conversão	34
Quadro 18 - adjetivos compostos por justaposição	35
Quadro 19 – adjetivos derivados por abreviação	35
Quadro 20 - adjetivos derivados por estrangeirismos e empréstimo	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de adjetivo primitivo por flexão	26
Tabela 2 - Resultados finais quanto ao tipo de formação	37
Tabela 3 - Resultados finais dos tipos de derivação	37
Tabela 4 - Resultados finais por uso dos sufixos	37
Tabela 5 - Resultados finais por tipos de derivação	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 EMBASAMENTO TEÓRICO	13
2.1 A formação lexical do português brasileiro	13
2.2 As unidades mínimas	13
2.3 Funções da formação de palavras	14
2.4 Derivação e flexão	15
2.5 Processos de derivação	15
2.6 Análise em constituintes imediatos	17
2.7 A composição	18
2.8 Outros processos de formação de palavras	18
3. O CORPUS	20
4. METODOLOGIA	23
4.1 O que é adjetivo?	23
4.2 A análise	24
5 ANÁLISE DOS DADOS DO <i>CORPUS</i>	25
5.1 Os adjetivos primitivos	25
5.2 Os adjetivos derivados	26
5.3 Formações com o sufixo -oso	27
5.4 Formações com o sufixo -do	28
5.5 Formações com o sufixo - ante	29
5.6 Formações com sufixo -tivo	29
5.7 Formações com sufixo -al	30
5.8 Formações com o sufixo -ico	30
5.9 Formações com o sufixo -iaco	31
5.10 Formações com o sufixo -ista	31
5.11 Formações com os sufixos -vel/ível	32

5.12 Formações com o sufixo –inho	32
5.13 Formações com o sufixo -íssimo	32
5.14 Formações com o sufixo -ar	33
5.15 Formações com prefixação	33
5.16 Formações por derivação parassintética	34
5.17 Formações por conversão	34
5.18 Formações por composição	35
5.19 Formações por abreviação	35
5.20 Empréstimos e estrangeirismos	35
5.21 Resultados finais	36
6 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	43

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a fazer um estudo sobre a produção lexical de adjetivos no português brasileiro, com o intuito de verificar quais são os processos de formação de palavras mais comuns nessa língua, descrevendo as suas regras de formação, bem como quais são os sufixos mais produtivos relativos à formação de adjetivos. Este trabalho contribui para o fornecimento de informações a respeito da evolução lexical da língua, principalmente em relação à linguagem informal, mostrando as combinações possíveis entre bases e afixos para a formação de adjetivos.

Para atingir tal objetivo, tomamos, como *corpus*, cartas de leitores da revista popular feminina “*Ana Maria*”, da editora Abril. Foram levantados todos os adjetivos ou formas que se comportaram como tal em determinados contextos, para catalogar as diferentes formações de palavras e, assim, descobrir as formas que são mais e as que são menos usadas em nosso idioma.

Após o levantamento, distribuíram-se as informações em quadros e tabelas de acordo com o tipo de formação de palavra em que se enquadrava o adjetivo, tendo, como suporte descritivo, as obras de Basílio (1987), de Laroca (1994), além da grande contribuição da obra de Camara Jr. (1967) para o entendimento geral dos conceitos de Morfologia e a análise em Constituintes Imediatos descrita nas obras de Kehdi (2007, 2008).

Com esse suporte teórico, partiu-se para a análise estrutural das formações, detectando as bases que permitem a formação de adjetivos, e quais afixos contribuem para esta formação, verificando quais bases combinam com quais afixos.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 A formação lexical do português brasileiro

Sendo este trabalho um estudo da produção lexical em português brasileiro, faz-se necessário dedicar algumas páginas sobre os processos de formação de palavras nesta língua.

2.2 As unidades mínimas

Em Morfologia, sabe-se que as palavras são formadas por unidades mínimas de sentido, os morfemas. Dessa maneira, cada vocábulo não somente tem uma significação por inteiro, como também as partes dele contribuem para formar essa significação. Sobre essa questão, Câmara Jr. (1967, p.95) afirma: “A apreensão das formas mínimas resume-se, em última análise, em atribuir a dado segmento fônico uma parcela do conjunto de significações que dada forma linguística carrega em si.” Essas estruturas mínimas são representadas também na escrita e são chamados de morfemas.

Quanto a esta questão de nomenclatura, Laroca (1994), em seu livro *Manual de morfologia do português*, mostra que morfema é o que denomina a noção que determinado segmento apresenta e morfe é a representação concreta (tanto oral, quanto escrita) desse morfema. Para melhor esclarecer a questão, a própria autora exemplifica que, no Português, o plural é realizado com um sufixo que, na regra geral, é representado com /s/ na fala (com algumas variações dialetais) e {s} na escrita. Desse modo, tem-se, então, o morfema {plural}, que é a noção de significado plural, ou seja, uma “abstração gramatical” sendo concretizada pela realização do morfe {s}.

Desses morfes, alguns são responsáveis pela caracterização do signo, ou seja, pela referência a algo exterior à língua. Sendo assim, essas estruturas representam objetos ou fatos do mundo real, seguindo a convenção da língua que constrói dada realidade. Esse tipo de morfe é conhecido como radical.

O outro tipo de morfe, que auxilia na formação de palavras, é o que se chama de afixo. Os afixos são estruturas que variam de posicionamento em relação ao radical dependendo do tipo de formação. São também os responsáveis pelos processos de derivação e flexão.

Se o afixo se posiciona antes do radical, é o que se conhece por prefixo. O prefixo, em Português, não tem a função de denominar ou alterar a classe gramatical de uma palavra, mas sim de agregar algum valor semântico. Ele pode introduzir, por exemplo, uma repetição da

ação, como em “REver” ou “REler”, ou uma noção de antecedência, como em “PREver”, ou ainda uma noção de contrariedade, como em “DESvendar”, e mesmo de negação, como em “IMpossível”, entre outras noções.

Entretanto, se o afixo se posicionar depois do radical, ele é chamado de sufixo. O sufixo é um morfema que pode determinar, em Português, a classificação do vocábulo na língua, marcando gênero, número, grau, concordância verbal e, pensando no verbo, marca a conjugação, o modo, o tempo, o número, a pessoa e o aspecto.

Esse processo combinatório dos radicais com os afixos é de extrema importância para a formação lexical de uma língua, que será o assunto tratado na próxima subseção.

2.3 Funções da formação de palavras

Como foi visto, a formação de palavras no Português se dá pela união de uma base, que contém um significado lexical, com um afixo representante de um morfema. A ausência de afixo também é considerada morfema, na flexão, o chamado morfema zero. Este aparece em contraste com a presença de outro morfe. Um exemplo disso é a oposição de singular e plural no Português. O plural se manifesta com a adição de {s}, na regra geral, sendo o singular representado pela ausência de {s}. Logo, o singular é portador do morfema {zero} que se evidencia na oposição com o plural.

A importância dos afixos é grande em uma língua, pois são muito atuantes na formação de palavras. Eles aproveitam o radical de palavras primitivas de uma determinada classe gramatical, conservando, inteiramente ou em partes, o significado para transformá-las em outra classe gramatical, servindo, assim, às exigências sintáticas da língua. Ou ainda, mesmo sem mudança de classe gramatical, acrescentam ou expandem o sentido de um radical. Essa seria uma possível definição de derivação.

Sobre isso, Basílio (1987) acredita que a produtividade lexical que os afixos proporcionam está mais ligada a noções de negação, grau, indivíduo, etc., do que à mudança de classe.

Laroca (1994) nos mostra que o sufixo tem três funções determinantes na formação de palavras: função classificatória, derivacional e flexional.

A classificatória diz respeito, segundo a autora, à vogal temática que determina a conjugação e, conseqüentemente, a utilização de um determinado morfe para uma indicação do modo e do tempo no verbo, além de classificar os substantivos e adjetivos por temas,

conforme a vogal com que a palavra termina. As outras duas veremos com mais detalhes na subseção sobre derivação e flexão.

2.4 Derivação e flexão

Observando o processo de formação de palavras no Português, conclui-se que os afixos são responsáveis pelas nuances de sentido sobre uma mesma ideia. Porém, neste contexto, só uma parte deles é responsável pela mudança de classe ou de gênero e número, que são os sufixos.

Vale lembrar a ressalva que Câmara Jr. (1967) nos traz sobre os sufixos. Estes, em Português, se dividem em duas funções principais. Uma delas é a flexional, que engloba os morfemas de número e gênero. A outra função é a lexical, responsável pela denominação e formação de classes gramaticais, como por exemplo, na formação de advérbios derivados de adjetivos, como em “lento > lentamente”.

Laroca (1994) considera que, na flexão, não há mudança de significado. Por exemplo, se se diz “casa/casas”, a única mudança que o morfe {s} acarretou foi a noção de mais de um do mesmo objeto.

O mesmo acontece no caso de menino/menina, em que o uso do morfe {a} indica o sexo feminino do ser mencionado. Devemos tomar cuidado ao considerar a flexão de gênero, como a própria autora aborda em seu livro. A flexão só ocorre quando a mudança é na mesma estrutura lexical. Nesse sentido, não podemos chamar de flexão o caso homem/mulher, pois são estruturas lexicais diferentes.

Já a derivação é o processo de adição de afixos a uma base significativa de forma a mudar-lhe o sentido, acrescentando um valor semântico ao sentido primitivo. Há mudança de classe no uso de alguns sufixos que já são cristalizados na língua com essa função, como o uso do sufixo -oso para a transformação de um substantivo em adjetivo: “gosto > gostoso”. O traço marcante da derivação é a mudança de sentido, e é o que a distingue da flexão.

2.5 Processos de derivação

A derivação é de tamanha importância nas línguas por ajudar na economia de memória linguística do falante (CÂMARA JR., 1967), fazendo com que ele não precise usar uma outra

palavra com estrutura fonética muito diferente para tratar de um sentido parecido dentro da demanda da situação comunicativa.

Existem diferentes formas de ocorrer uma derivação. A derivação pode ser sufixal ou prefixal, regressiva, imprópria (também conhecida como conversão) ou parassintética.

A derivação prefixal consiste da adição de um prefixo a um radical, que, em Português, não provoca mudança de classe. Já a derivação sufixal é a adição de sufixos a um radical que podem ou não alterar a classe gramatical da palavra, estando, dessa forma, ligados à função da palavra na relação sintagmática.

A derivação regressiva consiste em uma “perda” sufixal do derivante que gera um derivado. Esse tipo de derivação acontece em geral com substantivos que provêm de verbos, os chamados deverbiais, como o que ocorre em “*fala (subst.) < falar (verbo)*”, por exemplo. Essa derivação aconteceu, como apresenta Kehdi (2007), em seu livro *Formação de palavras em português*, como o substantivo *sarampo*, que veio da palavra *sarampão*.

A derivação imprópria ocorre quando um vocábulo é formado não por acréscimo ou subtração de afixos, mas pelo uso de uma palavra em outra função ou classe que não a sua primitiva. Como, por exemplo, quando se adiciona um artigo a um adjetivo ou a um verbo para formarmos um substantivo: o falar, o ouvinte.

Esta derivação também é conhecida como conversão por haver uma mudança de função e de classe de determinada palavra. A palavra *alto* é considerada adjetivo, mas se alternarmos sua posição na distribuição sintagmática, como em “João é alto/João fala alto (de modo alto)”, percebemos a conversão de adjetivo a advérbio sem qualquer alteração fônica ou ortográfica.

Existem derivações que ocorrem com a junção de prefixo e sufixo a um mesmo radical concomitantemente, fenômeno denominado derivação parassintética (KEHDI, 2007). Neste tipo de derivação, não é possível tirar o prefixo ou o sufixo da palavra formada em busca da forma primitiva. A derivação ocorre com a simultaneidade dos afixos.

No exemplo que Kehdi traz em seu livro, *Formação de palavras em Português* (2007), fica claro para um falante de Português a impossibilidade da retirada de um dos afixos, uma vez que o significado se perde. Partindo do seu exemplo do verbo *requentar*, se retirarmos apenas o prefixo, não chegamos a palavra alguma, pois “quentar” não é um verbo, sequer um vocábulo do Português, assim como “requente” também seria uma forma inexistente. Portanto, o que se torna perceptível é o fato de a derivação partir diretamente do adjetivo

quente com a adição concomitante dos afixos para resultar no verbo, assim como em *esquentar*.

2.6 Análise em constituintes imediatos

A análise em constituintes imediatos consiste em um método de análise de vocábulos que esclarece possíveis dúvidas sobre o tipo de derivação que ocorre em determinados casos.

Como saber, por exemplo, se uma palavra foi formada por derivação prefixal ou sufixal, ou se é um caso de derivação parassintética? São dúvidas que uma análise de constituintes imediatos pode solucionar.

A fórmula é basicamente a de dividir as palavras de acordo com seus morfemas constituintes, sempre formando uma oposição binária de seus constituintes imediatos, ou seja, as formas que se completam de maneira mais coerente. Como no exemplo de Kehdi (2007), a palavra *formalização* seria uma formação que passou por várias sufixações? A primeira divisão que pode ser feita é a de “formaliza + ção”, o que revela uma derivação de um verbo para a formação de um substantivo. Fica evidente que o verbo também se derivou: “formal + izar” que passa de adjetivo a verbo. E, por fim, o adjetivo que se mostra como uma derivação a partir de um substantivo “forma + al”. Dessa maneira, vemos uma sucessão de derivações sufixais, que produzem cada uma em si uma formação diferente, porém com o mesmo núcleo de sentido.

O que se pode concluir com a análise de constituintes imediatos é que *formalização* é decorrente de uma derivação sufixal, “formaliza + ção”, e não de uma sucessão de sufixos sem lógica nem regra. Desse modo, visualizam-se as camadas de formação vocabular sempre em oposição binária e sempre com a preocupação de reconhecer os constituintes reais da palavra, ou seja, encontrando os imediatos.

Este método, como qualquer outro, segue algumas regras para sua eficácia, que estão apresentadas por Kehdi (2007). Quando se analisa um vocábulo desta forma, deve-se pensar, em primeiro lugar, no significado que a formação possui diante dos afixos depreendidos.

Começa-se a análise sempre partindo dos constituintes maiores para os menores, preservando-se a classe de distribuição possível e compatível com outras formas da língua. No processo acima, foi depreendido o verbo *formalizar* em *formalização*, que, com o acréscimo de -ção à forma verbal é possível formar o substantivo, assim como em *constituição* existe *constituir* na depreensão de -ção.

Por fim, as divisões devem ser compatíveis com a estrutura geral da língua, ou seja, deve-se respeitar as preferências mais correntes dos afixos em relação às bases, na formação de palavras na língua para se encontrar a real derivação. Kehdi, com este tipo de análise, (2007, p. 15-16) chega à conclusão de que a palavra *desrespeitoso* é uma derivação prefixal sobre a palavra “respeitoso” (des+respeitoso) e não uma derivação sufixal a partir de “desrespeito” (desrespeito+oso), por ser mais frequente na língua portuguesa o prefixo se anexar a um adjetivo do que a um substantivo (*des+respeito – desrespeito+oso).

2.7 A composição

Ainda existem outros tipos de formações de palavras, que não são necessariamente a junção de afixos a um radical, mas provém da união de dois vocábulos com diferentes significados que, juntos, formam outro sentido único.

Dois processos de composição são responsáveis por esse fenômeno: a justaposição e a aglutinação, que se diferem pelo “grau” de fusão entre as palavras formadoras do novo vocábulo.

O primeiro se caracteriza quando o falante distingue claramente a individualidade dos vocábulos conexos, como em *girassol* (gira+sol). No segundo caso, alguma das partes que compõem a nova palavra sofre alguma modificação que dificulta a identificação dos vocábulos constituintes da nova palavra, como em *boquiaberto* (boca + aberto).

2.8 Outros processos de formação de palavras

Certas expressões sintagmáticas, por seguirem as regras de formação de palavras como o princípio da coesão interna e da permutação, podem ser consideradas, à maneira da composição, formações vocabulares.

O princípio da coesão interna consiste na impossibilidade de inserção de um novo elemento entre o radical e os afixos. Em *casamento*, por exemplo, a palavra está formada por um radical já conhecido na língua “casa” e um sufixo também conhecido “mento”, formador de substantivo. Nada pode se interpor aos dois, pois, assim, quebrar-se-ia a coesão interna que permite esta formação significativa, tornando-a sem sentido.

O princípio de permutação está ligado à ordem dos morfemas, que só podem seguir esta ordem, porque assim está consolidada a formação. A forma “mento” deve vir posposta ao radical, para fazer sentido nesta formação.

Portanto, não podemos negar o *status* de palavras a formações como “cartão de crédito”, “mãe solteira” e “cesta básica”, sendo que seguem estes dois princípios.

Outro processo que pode ser citado nesta subseção é a **abreviação**, que consiste em se usar parte da palavra em lugar da palavra inteira. É o que acontece com cinema > cine, fotografia > foto, entre outras formações. É importante salientar que este processo é diferente da **derivação regressiva**. Esta elimina da palavra uma parte específica que é o sufixo, além de ser possível ocorrer à mudança de classe, o que não acontece na abreviação. Na abreviação há sempre permanência da classe gramatical e a parte destacada é a determinante de significado da palavra primitiva.

As **siglas** são outro tipo de formação lexical que vêm da necessidade de tornar prático certos títulos muito longos para se decorar ou escrever diversas vezes em um texto. Este processo se dá de forma a depreender as iniciais das palavras que o constituem, como em UNESP – Universidade Estadual Paulista.

A **Onomatopeia** é uma forma especial de formação de palavras que busca a imitação dos sons das coisas e dos animais. Sua construção ocorre de maneiras diferentes nas línguas, já que a percepção do som pelos falantes de línguas distintas é diferente, e sua representação vem baseada na estrutura de cada língua. Esta modalidade também é formadora de classes gramaticais quando unida a morfemas como “zumbido”, de *zunzum*, e “tilintar”, de *tlintlim*.

A **reduplicação** é outro tipo de formação de palavras que acontece com a repetição da sílaba do radical de uma palavra como *papai*, *titia*, etc. Existe a reduplicação de palavras com o intuito de intensificar o significado da palavra como em *volto já, já*, ou *esta é a manteiga manteiga*, como forma de reforçar a qualidade manteiga, ou seja, este que é o modelo de manteiga. A reduplicação tem uma função fortemente ligada à estilística e à impressão de expressividade e/ou afetividade no discurso.

3. O CORPUS

Como apresentado na seção anterior, este trabalho tem a finalidade de observar os fatos que constituem a produção lexical no Português brasileiro. Sendo assim, pensou-se em um recorte na língua a partir de uma categoria lexical, facilitando, assim, o procedimento de análise.

Para tal estudo, buscamos a montagem de um *corpus* que favorecesse a análise dos processos de formação de palavras mencionados na seção anterior.

Nesse sentido, optamos por restringir a análise apenas à classe gramatical dos adjetivos. Por ter uma função classificatória na língua, ou seja, aquele que atribui qualidades aos seres, objetos e fatos, negativas ou positivas, é natural, nesta classe, uma busca, por parte do falante, por uma expressão adequada ao que se quer significar. Sabe-se que a necessidade de criação de novas palavras vai se expandido conforme a invenção de novos objetos e com o surgimento de novas situações. Da mesma forma, espera-se que a criação de novos adjetivos supra a necessidade de maior expressividade por parte dos falantes e a necessidade de novos tipos de relação de determinação entre o adjetivo e os substantivos que vão surgindo.

Em busca desses elementos, formações já cristalizadas convivendo com formações mais recentes ou menos aceitas formalmente, procurou-se por um *corpus* escrito que oferecesse esse tipo de construção. Nesse sentido, acreditamos que o gênero textual “carta de leitores de revista” seja um *corpus* interessante que parece atender às necessidades da pesquisa.

Como nos mostram Barbosa e Marine (2012), em seu artigo sobre a carta como *corpus* para estudo de variações linguísticas, no gênero “carta” encontra-se um discurso que pode variar do formal ao informal, dentro de diversos níveis, fato que torna esse gênero um *corpus* mais promissor para o pesquisador que busca apreender o uso real da língua.

O interessante da seção *carta do leitor* é o espaço de diálogo que a revista proporciona, não só com a mesma, como medição de sua qualidade ou atendimento ao público, como também um local onde há oportunidade de o leitor expressar sua opinião, podendo ela ser refletida e debatida pelos indivíduos, fato tão relevante atualmente, a exemplo das redes sociais que vêm se desenvolvendo com esta estrutura.

Desse modo, o diálogo não se dá somente com a revista, mas entre os leitores também, que, conforme foi constatado no contato com o *corpus*, podem interagir entre si, rebatendo, no exemplar seguinte, a opinião expressa no anterior, por outro leitor.

Essa interação, como as autoras do artigo expõem, é a dinâmica da língua, é ela própria em uso corrente, o que é característico do discurso da carta. No caso da carta de leitor, ela não se comporta apenas como uma portadora de informações, mas também de opiniões, revelando um cunho argumentativo e proporcionando este espaço de interação linguística.

O que atrai neste tipo de *corpus*, em uma pesquisa que procura não somente as formas padrão, mas também o confronto desta com o uso das formas menos privilegiadas, é justamente a despreocupação com o uso tão rígido e ideal da língua, o que ocorre, por exemplo, na expressão oral em boa parte dos casos do uso desta expressão. Este tipo de *corpus* mostra-se estruturado em fortes marcas de oralidade e permite a observação de formações novas ou, pelo menos, o uso das formas que não seriam aceitas pela língua padrão, mas que são continuamente usadas no cotidiano.

Para nos depararmos com essa produção diferenciada e sortida é necessário observar em quais contextos estas palavras podem aparecer. Com esta preocupação, escolhemos uma revista semanal popular, acreditando que, quanto mais popular a revista, menos erudito seria o vocabulário encontrado nela, principalmente, na produção de seus leitores. A própria postura da revista na apresentação das matérias é composta num clima de diálogo, porém seguindo o mínimo que se espera da linguagem padrão.

A revista escolhida para a coleta dos dados foi “*Ana Maria*”, uma produção da editora Abril, cujo público alvo é a população feminina. As revistas analisadas foram as edições do ano de 2011, nos meses de agosto e setembro, do ano de 2012, no mês de junho e do ano de 2013, no período de maio a outubro. O fato de a revista ser semanal contribuiu para a oferta de dados para a constituição do *corpus*, já que ela dedica uma parte pequena a esta seção e as cartas são curtas, comportando-se mais como um recado, propriamente.

Atualmente, “nossa relação com a linguagem mudou radicalmente em poucas décadas”, como lembram as autoras do artigo. Antes, a escrita era usada para uma comunicação a “médio prazo”. Pensava-se no receptor de forma virtual, já que ele estava ausente no contexto de produção. Hoje, com as tecnologias que nos permitem a comunicação escrita instantânea, a necessidade de uma rapidez na construção textual se sobrepõe à de revisão do texto, em busca da eliminação de possíveis redundâncias, sendo que se pode corrigi-la imediatamente se o receptor manifestar dúvidas no sentido do discurso.

Com isso, a postura diante da escrita muda. Este fato não exclui a necessidade de revisão de textos, mas os contextos de envolvimento da escrita se alargaram e penetraram

mais ainda na zona informal da língua. Desse modo, a escrita também está apta a revelar e a registrar as variações linguísticas na velocidade com que elas surgem na fala.

Na revista em questão, em sua seção de cartas, existe a subseção das redes sociais, por meio das quais as pessoas podem mandar recados para a revista. Optamos por também utilizarmos essa seção, para o enriquecimento do *corpus*, no intuito de aproveitarmos a possibilidade de formações mais informais e até inusitadas que a escrita das redes sociais permite.

4. METODOLOGIA

O foco deste trabalho é a formação de adjetivos no Português brasileiro. Dessa forma, diante da escolha do *corpus*, foram selecionadas palavras que são classificadas como adjetivos dentro da gramática da língua e palavras que não são originalmente desta categoria gramatical, mas que se comportaram como tal em determinados contextos que aparecem no *corpus*. Isso nos permite analisar os novos usos da língua e revelar as tendências na utilização sincrônica dessa categoria.

O intuito do estudo é descobrir quais são as formações mais usuais no nosso idioma e revelar também novos usos relacionados aos adjetivos. Para que esta depreensão vocabular do *corpus* seja satisfatória, evitando equívocos de enquadramento, faz-se necessário estabelecer a noção de adjetivo para nortear a análise. Vejamos a definição que baseou essa pesquisa.

4.1 O que é adjetivo?

Em sua Moderna Gramática Portuguesa, Bechara (2006) define adjetivo como: “**Adjetivo** – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado”. (grifos do autor)

Para Mattoso (CÂMARA JR., 1967) nas línguas do tronco indo-europeu é um traço ínfimo que separa a noção de substantivo da de adjetivo, sendo que os dois se enquadram na denominação gramatical de nome. Essa distinção seria, para o autor, apenas uma questão de posição e relação de dependência entre as duas classes.

Dessa forma, as afirmações de Bechara e de Mattoso definem a noção de adjetivo baseados na função que este exerce na oração em relação ao substantivo. O adjetivo restringe a ideia que se pode formular de um objeto ou uma situação. Se pensarmos em formular uma imagem baseada na expressão “casa feia”, teremos que excluir da nossa mente todos os ideais de “casa bonita” para construirmos o sentido real da primeira expressão. Esse seria o caráter restritivo e classificatório do adjetivo, pois restringe um substantivo a uma classe específica a partir de suas qualidades.

Para Basílio (1987) o adjetivo tem uma função análoga à do sufixo, sendo que sua razão de existência está na especificação do nome, na busca por enquadrar o substantivo a uma categoria.

Dessa forma, na seleção das palavras que seriam apropriadas para o estudo em questão, foram consideradas todas as palavras que exerceram estas funções, mesmo pertencentes originalmente a uma classe gramatical que não fosse a dos adjetivos.

4.2 A análise

Depois da seleção das palavras, baseando-nos nos princípios estabelecidos para considerá-las adjetivos, foi necessário dividi-las em subclasses para analisarmos que tipo de formação de palavra motivou a construção. Como o interesse é descobrir quais são as formações mais comuns e as mais raras, a análise segue por um viés quantitativo, num primeiro momento, com a utilização de tabelas para mostrar os resultados. Depois, faremos a análise em Constituintes Imediatos de cada tipo de processo encontrado.

A primeira preocupação foi a de separar os adjetivos em grupos. O primeiro seria o dos adjetivos primitivos: aqueles que não apresentam origem em outra palavra, ou seja, eles são as palavras que originam outras. O segundo grupo seria o dos adjetivos derivados: aqueles que têm por base fonética, semântica e ortográfica parte de outra palavra ou até mesmo toda ela. Este grupo, por sua vez, está separado em dois subgrupos: os derivados por sufixação e os derivados por prefixação.

Estes dois subgrupos aparecem separados pelo tipo de afixo que os compõe. Como será exposto nas análises, os prefixos se relacionam a acréscimo de sentido na palavra original. A alteração que se pretende expressar é que influi na escolha de um deles, que está preestabelecida pela língua. Já a escolha dos sufixos nas derivações está ligada à delimitação das bases radicais para a escolha do sufixo na formação de sentido e da classe gramatical em que este se insere depois de derivado. Desse modo, existem bases que só aceitam determinados tipos de sufixos para formação de adjetivos. Além disso, a escolha deles também depende do sentido que se quer empregar na palavra.

Depois de toda esta classificação, a análise dessas produções será embasada nas teorias de derivações apresentadas no capítulo sobre o embasamento teórico. O intuito é quantificar quais são as derivações mais comuns, ou sufixos e prefixos mais usados.

Ainda com base no aparato teórico dos autores explicitados no referido capítulo, formaram-se outros grupos para dar conta das palavras que não se enquadram nestas divisões por diversos motivos, sendo que houve também a seleção de palavras que não são da

categoria de adjetivos, mas que atuam como um. Além disso, a utilização de estrangeirismos como adjetivos na língua, por exemplo, precisou de uma análise à parte.

5 ANÁLISE DOS DADOS DO CORPUS

Como exposto na seção de metodologia, os dados foram organizados em adjetivos primitivos e derivados, sendo divididos em subcategorias para a avaliação do processo de formação, juntamente com o levantamento quantitativo do uso. Passemos agora a observar os resultados.

5.1 Os adjetivos primitivos

Como explicado na seção da metodologia, adjetivos primitivos são aquelas palavras que originalmente são classificadas como adjetivos e possibilitam a formação de outras palavras pertencentes ou não a esta classe. O quadro a seguir revela os adjetivos primitivos encontrados no *corpus*. Estes foram organizados em adjetivos que permitem apenas um tipo de flexão, a flexão de número, e os que permitem os dois tipos de flexão, as de número e gênero. Os números acompanhados pela letra x, que estão pospostos a alguns adjetivos, representam o número de vezes em que eles apareceram no *corpus*.

Quadro 1- adjetivos primitivos

Adjetivos primitivos que permitem apenas flexão de número	Adjetivos primitivos que permitem as flexões de número e gênero
Ideal 2x, Maior 3x, Pertinentes/Pertinente, Legal 3x/Legais 2x, Verdes, Difícil 3x, Excelente 2x/Excelentes 2x, Especial 2x, Igual, Picante, Melhor 4x, Melhores 3x, Qualquer, Grande 3x, Doce, Feliz 6x, Útil, Leve 2x/Leves, Elegante 2x, Anterior, Fácil 2x/Fáceis, Forte, Triste, Virgem, Podre, Fiel, Elegante.	Ótimas 2x/Ótima 3x, Esperto/Esperta/Espertas, Barata/Baratos/Baratas, Óbvias, Novo/Novas 2X, Tantas 2x, Linda 7x/Lindos /Lindo, Surpresa, Boa 3x/Boas/Bom 3x/Bons 3x, Íntima, Única, Satisfeita 4x, Cheia 2x, Todo/Todas 2x, Vários, Oportuno/Oportuna, Dupla, Fantástica 2x, Sábia, Últimos, Divino 2x, Práticos/Prática/Práticas, Pequeno, Rápidos, Primeira 2x, Imediatos, Lisos, Máximo, Branco, Antigas,

	Elétrica/Elétricas 2x, Atentas, Próprio, Fraca, Básicas, Completa, Sucinta, Rico, Claro, Direto, Inteira, Delicada, Positivas.
--	--

Fonte: Elaboração própria.

Essa amostra revela duas características do uso de adjetivos primitivos em nosso idioma. A primeira, de caráter quantitativo, é o fato de os adjetivos primitivos mais usados serem os que permitem os dois tipos de flexão, como expresso na tabela número 1, a seguir.

Tabela 1 – Quantidade de adjetivo primitivo por flexão

Adjetivos primitivos	Quantidade em números	Percentual em relação ao total (valores aproximados)
Primitivos que permitem apenas flexão de número.	58	39, 45%
Primitivos que permitem as flexões de número e gênero.	89	60, 55%

Fonte: Elaboração própria.

A outra característica revela um aspecto de formação de palavra e suas possibilidades. Se observarmos os adjetivos que não aceitam a flexão de gênero, perceberemos que são terminados em consoantes ou em vogal *e*.

Os adjetivos do outro grupo apresentam o final em vogal *o*, com exceção do adjetivo *bom* que termina em consoante.

5.2 Os adjetivos derivados

Passando agora à análise dos adjetivos derivados, preferimos organizar as formações por tipos de afixos usados na formação deles. Nos quadros, a quantidade de vezes que a mesma palavra apareceu no *corpus* foi marcada pelo número em que apareceram mais a letra x, como no exemplo dos primitivos.

5.3 Formações com o sufixo –oso

Os dados do *corpus* nos mostram que as formações com o sufixo –oso são derivações com base substantiva. O processo de formação se dá ao acrescentarmos este afixo ao substantivo e, assim, torná-lo adjetivo, como as formas apresentadas no quadro 2.

Quadro 2 – adjetivos derivados com o sufixo –oso e flexões

Gostosa 3x/Gostoso, Maravilhosa 5x/ Maravilhosos/ Maravilhosas, Carinhoso/ /Carinhosa/Carinhosas, Estudiosa, Amorosa, Milagrosas 2x, Oleoso, Deliciosas 2x, Precioso, Valiosas, Apetitoso/Apetitosa, Ansiosa, Proveitoso.

Fonte: Elaboração própria.

É desse modo que formamos a palavra *carinhoso* < *carinho* + “oso”, com um processo de crase ocorrendo com o “o” da sílaba final da base e o “o” inicial do sufixo. Quando a formação adjetiva com este sufixo provém de uma forma substantiva feminina, como em *maravilha*, acontece a elisão da vogal “a” do final da palavra, representante da flexão de gênero feminino, com a vogal “o” inicial do sufixo, prevalecendo o “o”. Porém, independente do gênero do substantivo que permite a derivação, podemos determinar o gênero do adjetivo resultante deste processo pela mudança do morfe no sufixo como em *maravilha* > *maravilhoso*, *maravilhosa*. E do mesmo modo flexionar o número.

Os processos de elisão e flexão após a derivação acontecem mesmo quando o substantivo termina em vogal *e*, como em *milagre* > *milagroso*, *apetite* > *apetitoso/apetitosa*.

Com a observação dos adjetivos que se formam com o sufixo –oso, percebe-se que não são todos que seguem apenas a regra de elisão da vogal final e agregação deste sufixo. Em *estudioso* e *precioso*, que são adjetivos derivados dos substantivos *estudo* e *preço*, respectivamente, percebemos que o processo não é somente a elisão da vogal final “o”, mas também ocorre a inserção de uma vogal “i”, quando o acréscimo do sufixo.

Outras derivações interessantes que os dados revelam é a encontrada nas palavras *amorosa* e *valiosas*. O substantivo do qual parte o primeiro adjetivos tem a terminação em **or**, *amor*. Já no segundo, temos como origem primitiva a palavra *vale* (substantivo que forma justaposições como em *vale-alimentação*, *vale-transporte*). As derivações com o sufixo – **oso(a)(s)**, nestes casos, se dão de forma diferente das já vistas. Em *amor*, ocorre apenas a adjunção do sufixo à base. Já em “*valiosas*”, o sufixo adicionado provoca a mudança da vogal final da base “e” para a vogal “i”, sendo que na base ela já existe realizada foneticamente [vali], ocorrendo efetivamente apenas a mudança gráfica.

5.4 Formações com o sufixo –do

As derivações adjetivas em sufixo –**do** são, em Português brasileiro, as formas mais recorrentes, como veremos adiante na tabela 4, que apresenta os resultados finais. Estas formas são uma espécie de conversão, já que partem do uso do particípio passado verbal, seguindo as mesmas regras de agregação do sufixo. Dessa maneira, se o verbo é de primeira conjugação como em *desejar*, o sufixo vai ser ligado à raiz pela vogal temática “a”. Se o verbo for de segunda e terceira conjugações, a vogal temática será em “i”, como em *querer* e *dirigir*. Desse modo, temos: “*desejAda*”, “*querIdo*”, “*dirigIda*”. Podemos afirmar, então, que a forma do particípio pode se comportar como adjetivo, uma vez que apresenta as mesmas flexões nominais do paradigma dessa classe, as flexões de gênero e de número.

O quadro abaixo mostra estes tipos de formação que foram encontrados no *corpus*.

Quadro 3 – adjetivos derivados com o sufixo – do e flexões; particípio verbal com função de adjetivo.

Parecido, Querida 2x/Querido 3x, Compreendida, Apaixonada 2x, Perdido, Divertida, Atendida, Coloridos, Frustrada 2x, Especializadas, Desejada, Esperada, Amada, Educada, Realizada, Ocupada, Viciada 2x, Publicadas/Publicada, Aliada, Maravilhada, Dirigida, Provado, Incômodo, Assumida, Protegido, Aprofundadas, Impressionada 2x, Cansada, Preferida, Ressecado, Queimado, Errados, Colorida, Carregada, Mal-humorada.

Fonte: Elaboração própria.

O adjetivo *mal-humorado*, que aparece no quadro, além de passar pelo processo de sufixação, representa também o processo de formação de palavra conhecido como justaposição, por isso fará também parte do quadro que engloba os adjetivos com este tipo de formação por composição.

5.5 Formações com o sufixo –*ante*

As derivações com sufixo –**ante**, como podemos perceber por meio dos dados, não admitem a flexão de gênero, apenas a de número, mesmo porque têm como vogal final o “e” que, como vimos nos primitivos, funciona dessa maneira.

Quadro 4 – adjetivos derivados com o sufixo – *ante* e flexões

Interessante 3x, Relevantes, Gestantes.

Fonte: Elaboração própria.

O que podemos destacar neste tipo de sufixo é que, para definir sua base, dependemos de comparações entre os adjetivos dessa classe. Se observarmos o primeiro exemplo no quadro 4, o adjetivo *interessante*, ficamos na dúvida se a derivação ocorreu do verbo *interessar* ou do substantivo *interesse*.

Desse modo, se o compararmos com *gestante*, encontrado no mesmo quadro, seguindo uma das regras de análise dos Constituintes Imediatos, que é a comparação com as formas do mesmo processo, percebemos que a derivação tem uma base verbal, já que no caso de “gestante”, temos o substantivo *gestação*, sendo as duas formas, o substantivo e o adjetivo, derivadas do verbo: *gestar* > *gestação*, *gestar* > *gestante*.

Neste caso, temos uma base verbal para a combinação com o sufixo –**ante**.

5.6 Formações com sufixo –*tivo*

As formações com sufixo –**tivo** admitem as duas flexões, pela própria terminação com vogal temática “o”.

Quadro 5 – Adjetivos derivados com o sufixo- *tivo* e suas flexões

Sugestivo, Criativas, Repetitivas, Cansativas, Afetivos, Negativa.
--

Fonte: Elaboração própria.

A base escolhida por esse sufixo é um verbo. Em *sugestivo*, temos “suges” (alomorfe do radical, que aparece em *sugestão*, por exemplo) + “-tivo”. Em *afetivos* ocorre o apagamento (processo fonológico conhecido como Haplologia) da sílaba “ta” do tema verbal “afeta”. Então, temos “afeta” + “-tivo” > “afetativo” > “afetivo”. Nos demais, temos o tema verbal + “-tivo” apenas.

5.7 Formações com sufixo **-al**

As formações com sufixo **-al** só admitem a flexão de número. A base é substantiva como podemos constatar na formação da palavra *semanal* que tem, como base, a palavra *semana*. A palavra *sensacional* tem, como base, a palavra *sensação*. No entanto, podemos perceber uma mudança fonológica desencadeada pela derivação, uma vez que, da junção da base com o sufixo (sensação + al), não se forma *sensacal, mas *sensacional*. Há uma transformação no radical, por meio de um processo morfofonológico.

Quadro 6 – adjetivos derivados com o sufixo **-al** e suas flexões

Semanal, Fundamental, Sensacional, Sociais, Originais.
--

Fonte: Elaboração própria.

5.8 Formações com o sufixo **-ico**

Nosso *corpus* não proporcionou exemplos de flexão nas formações com terminação em **-ico**. No entanto, essas palavras seguem a flexão padrão dos nomes terminados em vogal, com o acréscimo do morfe /S/.

Quadro 7 – adjetivos derivados como o sufixo **-ico** e flexões

Calórico, supersimpático.

Fonte: Elaboração própria.

Podemos perceber que estas palavras são provenientes de bases substantivas, uma vez que a palavra *calórico* vem de “calor + ico”. Em *supersimpático*, temos, primeiramente, a

formação de *simpático*, a partir da base substantiva *simpatia*, sendo, portanto, “simpatia + ico”. Depois de formada a palavra *simpático*, ocorreu uma nova derivação por prefixação, com o prefixo *super*. Este adjetivo passa também por um processo de prefixação e, por isso, aparecerá também no quadro 14 das derivações com prefixo.

5.9 Formações com o sufixo –*iac*

No quadro 8, de adjetivos formados com o sufixo–**iac**, o *corpus* fornece apenas um exemplar de adjetivo que é a palavra *afrodisíaca*.

Quadro 8 – adjetivos derivados com o sufixo - *iac* e flexões

Afrodisíaca.

Fonte: Elaboração própria.

Esta palavra está flexionada no feminino e também admite a flexão de número. Sua base é substantiva, já que percebemos nela a base em um substantivo próprio que é “Afrodite”.

5.10 Formações com o sufixo –*ista*

Com o sufixo –**ista**, temos também apenas um exemplo de adjetivo, que é a palavra *otimista*.

Quadro 9 – adjetivos derivados com o sufixo – *ista* e flexões

Otimista.

Fonte: Elaboração própria.

Os adjetivos com esta terminação são interessantes porque o final em vogal “a” não representa uma flexão de gênero feminino. Esta forma é usada na representação dos dois gêneros, o que determina a impossibilidade da flexão de gênero, fato que não exclui a possibilidade da flexão em número. Este sufixo se prende à base adjetiva, como nas formações *machista* e *feminista*.

5.11 Formações com os sufixos –*vel/ivel*

Os adjetivos formados com o sufixo **–vel/ível** são do tipo que não admite flexão de gênero, apenas de número.

Quadro 10 – adjetivo com o sufixo – *vel/ível* e flexões

Inegável, Possível/possíveis, Acessíveis/ Acessível, Saudável 3x.

Fonte: Elaboração própria.

Esse sufixo aceita bases verbais. Nos exemplos acima, todos têm bases verbais. Em *inegável*, temos, primeiramente, a derivação por sufixação “negar + vel” > “nega + vel” > “negável”. Depois, temos uma derivação por prefixação “in + negável” > *inegável*. Em *acessível*, temos “acessar + ível” > “acessa + ível” > *acessível*. Em *possível*, temos “poder + ível” > “pode + ível” > “podível”, que sofrerá um processo morfofonológico de enfraquecimento, tornando-se *possível*. Em *saudável*, temos “saudar + vel” > “sauda + vel” > *saudável*. Essa palavra passou pelo processo de opacificação semântica, uma vez que não significa mais “aquele que se pode saudar”, mas “aquele que tem saúde”.

5.12 Formações com o sufixo –*inho*

O sufixo **–inho**, em Português significa a representação do diminutivo, que muitas vezes tem relação com o estilo afetivo de fala. Este sufixo não muda a classe gramatical, sendo uma possibilidade de sufixo para substantivos e adjetivos. Sendo assim, é um sufixo que se agrega a bases que já são adjetivas, no caso destes dados.

Quadro 11 – adjetivos derivados com sufixo o sufixo – *inho* e flexões

Fraquinha, Sozinha, Curtinhos, Fofinhos, Gordinha.
--

Fonte: Elaboração própria.

Estes sufixos permitem as duas flexões, a de gênero e a de número.

5.13 Formações com o sufixo –*íssimo*

O sufixo **–íssimo** também apresenta comportamento morfológico parecido com o sufixo **–inho**, uma vez que também não muda a classe da palavra e admite as duas flexões. Ele representa o que se chama, em gramática normativa, de superlativo sintético. Este sufixo tem como função aumentar alguma característica de forma excessiva. Por isso liga-se a bases adjetivas.

Quadro 12 - adjetivos derivados com o sufixo – *íssimo* e flexões

Aprovadíssima.

Fonte: Elaboração própria.

5.14 Formações com o sufixo -ar

O sufixo **–ar**, com terminação em consoante, permite apenas a flexão de número. Como mostram os dados, ele se prende a bases substantivas.

Quadro 13 - adjetivos derivados com o sufixo – ar e flexões

Familiares, Alimentar 2x.

Fonte: Elaboração própria.

5.15 Formações com prefixação

A prefixação é um tipo de derivação no qual o afixo antecede sua base, processo já explicado na seção embasamento teórico. Como se posiciona desta maneira, não exerce influência na flexão dos derivados nem pode mudar a classe gramatical das suas bases.

Nos próximos quadros teremos as amostras de adjetivos derivados por prefixação. O primeiro prefixo que veremos é o **super-**, que vem sendo bastante utilizado na linguagem oral, principalmente na linguagem juvenil. Ele está ligado à ideia de maximizar qualidades, formas ou até mesmo ideias. Podemos dizer *supercasa*, quando queremos dizer que a casa é grande ou confortável de maneira inigualável. Atualmente ouvimos construções como: “ele super me enganou”, para aumentar o grau da ação exercida, ligada ao estilo de fala.

Quadro 14 - adjetivos derivados com o prefixo *super* – e flexões

Superfeliz, Supersimpático.

Fonte: Elaboração própria.

Em *inegável*, que aparece no quadro 15, temos a prefixação com o prefixo **in-**, que está ligado à noção de negação, como em *infeliz*, por exemplo.

Quadro 15 - adjetivos derivados com o prefixo *i-* e flexões

Inegável.

Fonte: Elaboração própria.

5.16 Formações por derivação parassintética

Agora veremos uma amostra de derivação parassintética. Conseguimos notar que esta formação é parassintética com a análise de constituintes imediatos. *Engraçado* é formado por dois processos concomitantes de derivação. Sua base é o substantivo *graça*, com o prefixo **en-** e o sufixo **-ado**. Podemos afirmar que este é o processo porque sabemos que as palavras “graçado” e “engraça” não são formações possíveis no português.

Quadro 16 - adjetivos com derivação parassintética

Engraçado.

Fonte: Elaboração própria.

5.17 Formações de derivações por conversão

Existem no *corpus* alguns exemplos de conversão, que se caracterizam pela utilização de uma palavra originalmente de uma determinada classe gramatical que pode exercer uma função análoga à de outra classe. As frases a seguir, extraídas do *corpus*, mostram claramente o processo.

(conversão de substantivo > adjetivo) Ex: "... Seção Animal, que é uma *fofura*."

(conversão de advérbio > adjetivo) Ex: "Esta edição está *demais*!"

(conversão de substantivo > adjetivo) Ex: "A Holambra é um *arraso*"

Quadro 17 – adjetivos derivados por conversão

Fofura, Demais 2x, Arraso.

Fonte: Elaboração própria.

Esses adjetivos permitem as mesmas flexões de quando estão em sua função “original”, pois não sofrem mudanças ortográficas, nem fonéticas, nem morfológicas.

5.18 Formações por composição

O tipo formação por composição, que aparece no *corpus*, foi o de justaposição, processo no qual o falante consegue perceber nitidamente as palavras que constituem estas formações.

Quadro 18 - adjetivos compostos por justaposição

Infanto-Juvenil, Mal-humorada.

Fonte: Elaboração própria.

5.19 Formações por abreviação

Encontramos apenas um processo de abreviação, expresso na tabela abaixo, é o caso da palavra *depressivo*. Ela foi submetida a um processo de supressão do seu final –**ssivo**, resultando na forma *deprê*, como podemos constatar na frase retirada do *corpus* “ os assuntos abordados na revista andam muito *deprê*”. Essa forma coincide com a forma que também abrevia o substantivo depressão, como na frase, “estou numa *deprê!*”, construção possível em linguagem oral.

Quadro 19 – adjetivos derivados por abreviação

Deprê.

Fonte: Elaboração própria.

5.20 Empréstimos e estrangeirismos

Por fim, apresentamos os empréstimos. Estrangeirismos e empréstimos são correntes nas línguas e, geralmente, buscam suprir alguma necessidade de nomenclatura que a língua que toma emprestado o termo não tem de maneira bem definida, senão por uma paráfrase ou expressão.

Quadro 20 - adjetivos derivados por estrangeirismos e empréstimos

Light 2x, Show 2x.

Fonte: Elaboração própria.

Nos casos do *corpus*, estes empréstimos são provenientes da língua inglesa, decorrentes da globalização e da criação de termos em inglês para novos produtos e situações. No caso de *light*, que aparece na frase retirada do *corpus* “(...) porque agora toda semana tem uma receitinha *light*”, o empréstimo é feito diretamente do adjetivo em inglês, sem mudança de significado.

No caso de *show*, temos empréstimo de um substantivo que, pelo uso da palavra, na frase do *corpus* “as matérias desta edição estavam *show*”, se converte em adjetivo. O interessante do uso de *show* é que a conversão muda também o sentido original da palavra. *Show* vem do verbo inglês *to show*, que significa mostrar, apresentar. Como substantivo, tem a tradução semelhante ao que chamamos de apresentação ou espetáculo.

No uso como adjetivo, a palavra imprime uma qualidade extraordinária ao substantivo ou fato descrito. É, em verdade, uma substituição das expressões com a palavra portuguesa *espetáculo*, sendo que se substituirmos na frase um pelo outro, notaremos que o sentido continua o mesmo, ainda no processo de conversão, sendo que espetáculo é também um substantivo.

(conversão substantivo > adjetivo) Ex: “O encarte culinário e a matéria *Seu cabelo quase virgem* estão um *Show*”

5.21 Resultados finais

Como foi explicitado anteriormente, esta pesquisa é de cunho quantitativo, tendo como objetivo principal levantar os adjetivos mais usados em nosso idioma e as formas mais usuais.

Passemos, então, à análise dos números registrados nas tabelas a seguir.

O primeiro levantamento é a comparação da quantidade obtida, no *corpus*, de adjetivos primitivos, derivados e formados por outros processos.

Tabela 2 – Resultados finais quanto ao tipo de formação

Adjetivos	Quantidade em números	Percentual em relação ao total (valores aproximados)
Primitivos	147	54,7%
Derivados	115	42,8%
Compostos	2	0,7%
Abreviados	1	0,3%
Empréstimos e estrangeirismos.	4	1,5%

Fonte: Elaboração própria.

Por meio destes resultados, percebemos que é mais comum encontrarmos adjetivos primitivos do que adjetivos formados por algum processo de formação de palavras. Porém, não podemos ignorar que o número de derivados também é bastante expressivo.

Quanto aos afixos, vejamos na contabilização deles, quais formas são mais usuais.

Tabela 3 – Resultados finais dos tipos de derivação

Tipo de derivação	Quantidade em números	Percentual em relação ao total (valores aproximados)
Prefixação	3	2,6%
Sufixação	107	93,0%
Parassintéticos	1	0,9%
Conversão	4	3,5%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados, nesta tabela, são claros e revelam um uso acentuado da sufixação na formação de adjetivos no Português brasileiro.

Pensando no uso dos sufixos, os resultados da tabela 4 revelam quais são os mais usuais no processo de formação dos adjetivos.

Tabela 4 – Resultados finais por uso dos sufixos

Sufixo	Quantidade em números	Percentual em relação ao total
---------------	------------------------------	---------------------------------------

		(valores aproximados)
-oso	27	25,3 %
-do	44	41,2%
-ante	5	4,7%
-tivo	6	5,6%
-al	5	4,7%
-ico	2	1,8%
-iaco	1	0,9%
-ista	1	0,9%
-vel/ivel	8	7,5%
-inho	5	4,7%
-íssimo	1	0,9%
-ar	2	1,8%

Fonte: Elaboração própria.

As tabelas não deixam dúvida de que as formas vindas do particípio verbal são as mais utilizadas na formação de adjetivos, seguidas das formas com sufixo **-oso**, com uma quantidade bastante relevante.

As outras formas têm um número bem reduzido de uso se comparadas com as duas primeiras.

Quanto à prefixação, apesar de ter sido reduzido o número encontrado no *corpus*, podemos também definir os usos.

Tabela 5 – Resultados finais por tipos de derivação

Tipo de derivação	Quantidade em números	Percentual em relação ao total (valores aproximados)
Prefixo super-	2	66,6
Prefixo i-	1	33,4

Fonte: Elaboração própria.

Como nos mostra a tabela 5 o prefixo **super-** é mais recorrente em nossa língua que o prefixo **i-**.

6 CONCLUSÃO

Por meio de nossas análises, podemos chegar a algumas conclusões sobre o comportamento dos adjetivos no Português brasileiro relacionado com a formação lexical.

Os dados revelam que, em nosso idioma, usamos, com maior frequência, os adjetivos primitivos e com menos frequência os derivados, o que não diminui a importância desta última modalidade. Os estrangeirismos e empréstimos, os compostos e os abreviados apareceram com bem menos frequência no *corpus*.

Outro fator interessante que aparece nos dados é de valor estrutural do léxico português: as flexões pertinentes aos adjetivos de acordo com a terminação. Como vimos no levantamento, as palavras terminadas em vogal “o” permitem a flexão de gênero, representada pelo morfe /a/, e flexão de número, representado pelo morfe /s/. Nos primitivos, esta estrutura é a mais frequente. Outros adjetivos admitem apenas a flexão de número, pois são terminados em vogal “e” ou consoantes.

Sobre a estrutura das formações podemos afirmar que as bases na formação adjetiva são geralmente verbos ou substantivos, sendo estas últimas as mais frequentes nas combinações com os sufixos. Nas combinações com prefixo as bases já são adjetivas, sendo que prefixo não muda a classe gramatical no português.

De acordo com a tabela 3, os adjetivos derivados por sufixação apareceram com muito mais frequência do que os de formação prefixal. Quanto à derivação parassintética, o *corpus* traz apenas um caso e por conversão, apresenta quatro casos.

Quanto às construções lexicais com sufixos, os dados mostram um uso acentuado das formações com o sufixo **-do**, seguido das formações em sufixo **-oso** que aparecem com menos frequência.

Em respeito à prefixação na formação de adjetivos, o prefixo mais utilizado foi o **super-**, que apresenta uso frequente em formações adjetivas na linguagem oral e informal.

Existem, no *corpus*, dados que mostram uso de outras palavras que não são adjetivos, mas que se comportam como tal em determinada construção sintática, fenômeno denominado conversão. Estes usos são interessantes porque revelam uma necessidade do falante em expressar alguma característica que não consegue encontrar em nenhum adjetivo corrente na língua. Este recurso é uma marca da flexibilidade da língua para suprir as necessidades do falante.

Esse é o caso também dos estrangeirismos e empréstimos que aparecem no *corpus* e que percebemos no dia a dia, de maneira tão habitual que o falante, muitas vezes, nem se questiona sobre o seu valor semântico.

Pensando em todo este percurso de análise nos damos conta de que os processos de formação de palavras no Português são complexos e envolvem estratégias e regras bem definidas. E que, em algumas formações, como a conversão, por exemplo, é necessário analisar toda a estrutura frasal, não só a lexical, para que se perceba a função adjetiva neste caso. Ou como na derivação parassintética, que exige uma análise cautelosa de subsistemas da língua para termos a certeza de que os afixos (prefixo e sufixo) se adjungem concomitantemente à base e não cometermos equívocos de análise morfológica.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios).

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

KEHDI, V. *Morfemas do Português*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2008. (Série Princípios).

_____. *Formação de palavras em português*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios).

LAROCA, M. N. de C. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 1994.

MARINE, T. de C.; BARBOSA, J. B. Estudos variacionistas pautadas em cartas: reflexões teórico-metodológicas. **Linguística**, São Paulo, v.27, p.221-240, jun. 2012. Disponível em: <https://zimbra.fclar.unesp.br/service/home/~/?auth=co&loc=pt_BR&id=29439&part=2>. Acesso em: 20 ago. 2013.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 27.ed. São Paulo: Cutrix, 2006.

ANA MARIA. São Paulo: Abril, ed. 886, 04 de outubro de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 885, 27 de setembro de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 884, 20 de setembro de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 883, 13 de setembro de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 882, 06 de setembro de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 881, 30 de agosto de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 880, 23 de agosto de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 877, 02 de agosto de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 876, 26 de julho de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 875, 19 de julho de 2013.

_____. São Paulo: Abril, ed. 874, 12 de julho de 2013

_____. São Paulo: Abril, ed. 873, 05 de julho de 2013.

- _____. São Paulo: Abril, ed. 871, 21 de junho de 2013.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 870, 14 de junho de 2013.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 868, 31 de maio de 2013.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 866, 17 de maio de 2013.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 864, 03 de maio de 2013.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 820, 29 de junho de 2012.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 819, 22 de junho de 2012.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 818, 15 de junho de 2012.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 779, 16 de setembro de 2011.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 778, 09 de setembro de 2011.
- _____. São Paulo: Abril, ed. 776, 26 de agosto de 2011.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FREITAS, H. R. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 4.a ed. Campinas: Pontes, 2002.

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.